

O governo vence as dificuldades iniciais e atinge a maioridade

Márcio Garcia Vilela *

Não contribuí com o meu insignificante voto de cidadão para a eleição do presidente Collor. Quem se sente em situação de não opção — foi o que aconteceu —, desalentado, deixa de exercer seu direito de cidadania. Ouvi — e depois li — atentamente seu discurso de posse. Belíssima peça, não só pela forma mas também pelo conteúdo. Merece figurar entre os melhores pronunciamentos da história republicana. Todavia à oratória se seguiu tudo o que nossa memória, ainda viva, registrou, para a profunda decepção dos que creram ou dos que, embora céticos, desejavam acreditar, até por falta de alternativa.



Passado mais de um ano de mandato tumultuado, de desencontros, acusações nem sempre justas, bate-bocas infundáveis na área econômica, confrontações ingênuas que, muitas vezes, beiravam a infantilidade, o governo começou a ganhar a sua maioridade. Jogou ao mar, parcialmente, uma carga pesada, mudou a postura, voltou às diretrizes firmadas no compromisso de posse e trocou o comando da economia.

Penso que estou à vontade para reconhecer o avanço conseguido, graças sobretudo ao nível de amadurecimento que o chefe da Nação tem experimentado. Tudo isso é gratificante e encorajador. Embora não tendo o privilégio de conhecer pessoalmente o presidente da República, fiquei a impressão de que Sua Excelência errou mais pelo desejo precipitado de acertar, buscando resultados que, ao contrário do que supunha, exigem não só coragem e determinação mas reflexão, serenidade na análise, capacidade de ter paciência e disposição de esperar e ser perseverante. Se a tudo isso se acrescentar uma equipe — não quero entrar na avaliação de suas decantadas intenções —, inexperiente, às vezes mediocre, outras arrogante e auto-suficiente, com pequena dimensão para enfrentar os gigantescos desafios da hora e ter-se-á, possivelmente, algum tipo de explicação para os desacertos cometidos.

Tudo passado, felizmente, é preciso agora apoiar o presidente, que já tem a seu favor, pelo menos, dois decisivos fatores:

1) A ampla discussão que acabou promovendo sobre o Brasil e seu futuro, na busca obstinada da modernidade.

É certo que o panorama internacional o tem ajudado muito, porém de nenhum modo lhe retira o mérito de ter-se empenhado em acompanhá-lo e estender-lhe o "substrato" mais profundo. Temas que, em passado ainda

recente, as pessoas bem pensantes podiam levantar, não obstante se sentissem desestimuladas porque o ambiente — sobretudo aquele mantido pelas minorias atuantes — não lhes permitia fazê-lo. Há bem pouco tempo, quem se arriscasse a falar em privatização da Petrobrás — penso, a propósito, que o caso não é de privatização, mas de quebra do monopólio — estaria lançado à execração pública, como se patriotismo se confundisse com a existência de uma estatal do petróleo. E por aí vão-se abrindo picadas para ventilar melhor a inteligência nacional e situar o Brasil mais contemporâneo do mundo.

2) A reviravolta notável da política econômica. Aqui, a maturidade alcançou a plenitude. Retiramos o Brasil do isolamento internacional a que o confinaram, estamos rapidamente desautarquizando nossa economia, recuperamos

aos poucos a confiança es-

traçalhada, renunciamos

expressa e verdadeiramen-

te à magia das fórmulas

extravagantes, entrega-

mos a um grupo de profis-

sionais conscientes, de visí-

vel competência, a gerênc-

ia econômica, mantemos

a inflação sob controle, ain-

da que com fúria selva-

gem, mas contrariando os

cavaleiros do apocalipse,

enfim e em uma palavra:

conseguimos respirar.

Se o governo pavimentar

sua ação política com o

apoio indispensável, para,

através dele, obter aprova-

ção às reformas de que não

pode prescindir, o brilho da

luz no fim do túnel adquiri-

rá cada vez mais intensida-

de e o Brasil será outro.

Daí, convém não conferir

à inflação de janeiro signi-

ficado maior do que tem.

De fato, sua evolução nada

teve de extraordinário. Ao

contrário, foi compatível

com determinados fatos re-

levantes que, todos sa-

biam, iriam pressioná-la,

tais como reajustes de pre-

ços administrados em rit-

mo mais acelerado, o com-

portamento dos preços em

setores oligopolizados,

uma TR negativa que levou

fatalmente a certo afrouxa-

mento da liquidez.

Contudo a aposta conti-

nua válida: acidentes de

percurso não comprometem

se a rota permanece

firme e os pilotos, serenos e

determinados em relação

ao programa econômico.

Não há razão para duvidar

da política macroeconômi-

ca, em seu objetivo de esta-

bilização, cumpridas as

metas fiscais e controlada

a expansão monetária.

Ao fim e ao cabo, este go-

verno se esforça por recu-

perar o crédito. Parece

querer de volta o imenso

capital político que perdu-

riamente não conservou.

E dever de cidadania, nes-

ses termos, colaborar.

Mais do que qualquer pes-

soa ou instituição, o Brasil

bem o merece.

* Ex-secretário da Fazenda de Minas Gerais e sócio-diretor da Tendência Consultoria.